SOARES, Alexandre S. Ferrari *et al.*
Discurso, resistência e.... Cascavel:
EDUNIOESTE, 2015. 253p.

DISCURSO, RESISTÊNCIA E....

THAÍS REIS DE ASSIS¹

Instituto de Letras – Programa de Pós Graduação em Estudos da Linguagem
Universidade Federal Fluminense/ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
Sudeste de Minas Gerais- Campus Rio Pomba.
Av. Dr. José Sebastião da Paixão, s/n, Lindo Vale- 36180-000- Rio Pomba- MG- Brasil

thais.assis@ifsudestemg.edu.br

*Não há resistência sem sujeito,
Não há sujeito sem ideologia,
Não há ideologia, sem linguagem,
Não há linguagem sem equivocidade,
Não há equivocidade sem historicidade,
Não há historicidade sem sentido,
Não há sentido sem interpretação,
Não há interpretação sem gesto de leitura,
Não há gesto de leitura sem desejo,
Não há desejo sem falta,
Não há falta sem discurso,
E não há análise do discurso sem
R.E.S.I.S.T.Ê.N.C.I.A
(LEANDRO FERREIRA, 2015, p. 166)*

Discurso, Resistência e... é uma obra organizada por Alexandre Ferrari, Bethânia Mariani, Silmara Dela Silva e Vanise Medeiros. Tem como cerne a resistência em sua relação com o discurso sendo a terceira produção do Grupo Teoria do Discurso (GTDIS/CNPQ²). Os textos que integram o livro advêm do III Simpósio do GTDIS, realizado em 2012 na cidade de Niterói/ RJ. O livro conta com contribuições de membros do referido grupo e de pesquisadores convidados provenientes de diversas instituições brasileiras. Ao longo dos capítulos, a resistência é abordada no entrelaçar da Análise do

¹ Doutoranda em Estudos da Linguagem da Universidade Federal Fluminense, atua como pedagoga do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sudeste de Minas Gerais - Campus Rio Pomba.

² O GTDIS foi criado em 2009 e é constituído por pesquisadores de distintas formações/ instituições do Brasil.

Discurso com a Psicanálise e através de práticas analíticas específicas de cada uma destas disciplinas.

O capítulo inicial é a palestra do psicanalista Abílio Luiz Ribeiro Alves intitulada *Um encontro com o real ou Freud na Acrópole*, onde a Psicanálise é apresentada como um discurso de resistência. Para tal, toma como materialidade o texto *Um distúrbio de memória na Acrópole*, que é uma carta aberta de Sigmund Freud ao músico e escritor francês Romain Rolland. Nesta carta, Freud relata que ao visitar a Acrópole sentiu-se dividido: era um sujeito realizado por estar tão longe e ao mesmo tempo frustrado por ir além do que seu pai fora capaz de conquistar. A partir desta constatação, Alves reflete discursivamente sobre a resistência como algo que não é causado apenas pelo processo de recalque, mas como próprio da estrutura da linguagem, sendo construído em torno de uma falta irremediável.

Alexandre Ferrari, um dos organizadores do livro, deixa sua contribuição em *Como resistir à memória que nunca esquece? - dos médicos higienistas à AIDS, da doença como merecimento ao discurso da bancada evangélica*. O texto expõe o percurso dos discursos sobre homossexualidade, seus muitos deslizamentos e a naturalização dos sentidos. Dialoga com Foucault ao tratar a sexualidade como um mundo carregado de interdições e demonstra o papel da memória na língua como cristizador de sentidos. Por fim, aponta a língua como meio de resistência aos discursos médico e religioso, responsáveis pela evidência dos sentidos que circulam sobre a sexualidade.

Discurso, resistência, revolta e suicídio em Torquato Neto, de autoria de Lúcia Gondim Bastos, Luiz C. Borges e Olímpia Maluf Souza, aborda o discurso/ resistência associado à revolta/ rebeldia. Os autores se utilizam da Psicanálise para refletir acerca dos textos e do bilhete de despedida de Torquato Neto, que se suicidou em 1972. O suicídio é pensado discursivamente como meio de resistência de um sujeito que se viu impotente diante da realidade, no caso a ditadura militar brasileira.

Em *Discurso e sujeito... um movimento de criação*, Ana Maria Carnevale disserta sobre o sujeito e sua constituição a partir do nascimento de bebês que mesmo antes de virem ao mundo já são falados “por um Outro que lhe dá existência via palavra” (p. 68). A autora analisa a resistência no discurso ao questionar gestantes sobre as expectativas para vida de seus filhos. As respostas dadas pelas futuras mães foram atravessadas pela a ilusão da completude, o que permitiu trazer apontamentos sobre a incompletude. Carnevale adverte que “além dos significantes que o Outro oferece há também o seu silêncio, no qual se transmite sua incompletude” (p.68) que possibilita ao sujeito “buscar um outro caminho para seu modo de olhar a si e a história sem que seja necessário retirar-se da cena da vida” (p. 71).

No quinto capítulo, denominado *Discurso, opressão/resistência*, Belmira Magalhães debate o assujeitamento/ resistência efetivada pela ideologia no Brasil atual bem como as possibilidades do sujeito na língua e na história. Ampara-se em Pêcheux, Marx e Lukács ao enunciar sobre trabalho, linguagem, lógica capitalista e o lugar do Estado contemporâneo. Analisa a resistência no Brasil no âmbito do materialismo dialético e da Psicanálise concluindo que o discurso capitalista enfatiza a concorrência e nega aqueles que não pertençam a este grupo.

Dênis de Moraes, em *Máquinas discursivas midiáticas e resistências possíveis*, expõe o papel de centralidade e autoridade dos meios de comunicação ao delimitar “o que pode e deve ser visto, lido e ouvido pelo conjunto de cidadãos” (p. 85). Estas “máquinas de produção de poder” (p.87), agentes privilegiados de difusão de sentidos, operariam através de três características comuns – homogeneização, mundialização da produção dos sentidos e ideologias – tendo, assim, o controle das informações, da opinião e dos valores do discurso dominante. No entanto, pondera sobre a resistência neste campo hegemônico: ela ocorreria via contradição, brechas, fissuras e pelo rompimento do silêncio.

O capítulo *Potência simbólica e fiapos da história: resistência da literatura*, de Flávia Trocoli, organiza-se em torno de dois textos *A paixão segundo GH* de Clarice Lispector e *Motor da Luz* de José de Almiro. A autora parte do princípio de que ambos os textos são um acontecimento traumático que apontam a resistência na linguagem literária por meio da resistência da linguagem, resistência à linguagem e resistência pela linguagem. Em Clarice Lispector identifica o esforço de tomar a palavra, passar para a posição de sujeito, tornar-se narrador de uma experiência na posição de um objeto. Em *Motor da Luz* aponta a resistência ao apagamento e ao esquecimento proveniente da morte brutal de Valdério, exilado no universo simbólico.

Frederico Zeymer Feu de Carvalho, em *Discurso, resistência e sujeito*, retoma *Les Vérites de La Palice* e a prerrogativa de que “não há ritual sem falhas”. Inicia a exposição pela Psicanálise, responsável por introduzir uma fissura no marxismo, faz considerações sobre a interpelação ideológica proposta por Althusser e sobre o sujeito pleno onde nada falha. Aborda a falha no sujeito através do inconsciente, “aquilo que infecta do interior da interpelação ideológica, a forma-sujeito do discurso, como um ponto de resistência à ideologia dominante” (p. 111). Carvalho entende que a ordem do inconsciente não coincide com a ideologia por existir algo que falha, que permite rupturas e descontinuidades.

Em *Discurso e resistência em Psicanálise ou a Widerstand em Freud/ Lacan*, de Isidoro Eduardo Americano do Brasil, a resistência é novamente abordada pelo viés da Psicanálise perpassando por Freud e Lacan. A resistência é tida como tudo aquilo que nos atos e palavras se opõe no acesso ao inconsciente bem como as reações de um analisando cujas manifestações, no contexto de tratamento, criam obstáculos. Apresenta formas e a estrutura da resistência, desvendando-a como um empecilho à revolução da verdade.

No capítulo 10, denominado *Discurso e resistência: o objeto- imagem em outdoors*, Luciene Jung de Campos trabalha o conceito de objeto além de algo inanimado ou manipulável. Busca peculiaridades no funcionamento do objeto imagem como objeto discursivo através da série outdoors de Carlos Goldburg. A autora observa deslocamentos de sentido nas imagens das propagandas e três formas possíveis de presença consoante a Orlandi (2004) – o ausente, o evidente e o intangível. As imagens analisadas seriam permeadas por uma divisão em que a publicidade/ propaganda manipulariam significados já estabilizados e a arte buscaria a transformação dos sentidos ao trabalhar com a indefinição das interpretações. Segundo Campos, os *outdoors* seriam “arranjos simbólicos do sujeito para atravessar a ideologia e se inscrever no campo social” (p. 132).

Lucília Maria Abrahão de Souza, em *Dizeres de resistência em rede: é (também) de impossível que se trata*, fala sobre resistência sob a ótica da revolução, amparada em

Pêcheux e Lacan. Parte do pressuposto de que não há dominação sem resistência e analisa duas imagens de pessoas com braços cruzados em diferentes condições de produção: uma na Segunda Guerra Mundial e outra durante um flagrante de ocupação da Cracolândia. Para a autora, a resistência seria de outra ordem, pertencendo ao âmbito do que é impossível de dizer e que resiste à simbolização.

Em *Quem é você mesmo? O sujeito e o que resiste nos discursos do autismo*, Márcia Maria da Silva Cirigliano traz apontamentos sobre as diferentes falas acerca da criança e do adolescente, com enfoque na rede discursiva presente na clínica do autismo. O artigo se desenvolve em torno da Musicoterapia, Psicanálise e da Análise do Discurso. Mobiliza o conceito de inconsciente determinado pelos significantes do Outro para compreender o sujeito autista a partir de um caso clínico, cujo atendimento foi realizado através da Musicoterapia. Para a autora, a música se caracterizaria como objeto de resistência que permite o deslocamento e sentidos outros.

No capítulo *Palavra falada e palavra escrita: sobre o letramento e sua incidência na interpretação da prática Psicanalítica com a criança*, Maria Cláudia Maia Brasil escreve sobre a criança ainda não letrada e a letrada. Questiona se a palavra falada de uma criança não letrada teria a mesma estrutura da palavra falada por uma criança já familiarizada com o mundo da escrita. Pensa a língua como resistência ao real, cuja função não é comunicar ou informar, mas apontar o lugar do sujeito em relação à verdade. Para a autora, “a palavra falada de uma criança não letrada não é a mesma palavra de falada de uma criança adestrada nas letras de uma língua organizada” (p. 156).

Em *Resistir, resistir, resistir... primado prático discursivo!* Maria Cristina Leandro Ferreira destaca como a resistência afeta o campo da língua, do sujeito e da história. Para a autora, o sujeito inconsciente resiste à interpelação ideológica ao se afastar da condição de bom sujeito e se contraidentificar com a formação discursiva na qual se inscreve. Cita quatro tipos de resistência: a resistência da língua que está vinculada à não transparência, à história e à equivocidade; a resistência do discurso tensão entre língua(gem) e ideologia, que se manifesta na rejeição à evidência dos sentidos naturalizados; a resistência do sujeito, materializada na linguagem que emerge nas falhas e contradições. Por fim, disserta sobre a resistência da cultura, lugar privilegiado de produção de sentidos, que, ao fornecer estereótipos, provoca a homogeneidade, sendo um anteparo ideológico de dominação.

O capítulo 15, *Discurso, saber e verdade: o que se pode disso saber*, escrito por Maria de Fátima do Amaral Silva, objetiva analisar como Psicanálise e AD abordam o discurso através da significação do saber da medicina sobre a encefalopatia crônica na infância. Segundo a autora, o bebê portador desta doença já nasceria marcado por uma significação do campo do Outro que lhe anteciparia um destino. Tal fato se daria graças ao discurso médico, impregnado por uma ideologia que assujeita pacientes e constrói uma verdade que privilegia e naturaliza a suposta normalidade.

Maria do Socorro Pereira Leal é a autora do capítulo *As voltas com a palavra*. Neste texto, examina um arquivo de manchetes produzidas entre os anos 2006 a 2009 que noticiam os desdobramentos da posse de terra concedida aos índios em Roraima. Ao longo de suas análises, Leal se debruça em três aspectos distintos referentes à palavra família: a sintaxe das manchetes, as referências discursivas construídas e os efeitos de

sentido. Aponta os mecanismos linguísticos postos em funcionamento para se produzir e fixar um sentido dominante em que a família com raízes patriarcais permanece e a organização social dos índios é tida como outra coisa, sendo inominável.

Em *Sobre as modalidades discursivas de funcionamento subjetivo – identificação, contraidentificação, desidentificação (e superidentificação?)* Maurício Beck discorre teoricamente sobre três modalidades discursivas de funcionamento subjetivo: a identificação, a contraidentificação e a desidentificação. Pensa a resistência pelo viés da contraidentificação e da desidentificação. No entanto, sugere uma alternativa as proposições de Michel Pêcheux, baseada em Zizek, que seria a superidentificação ideológica.

Silmara Dela Silva, também organizadora do livro, escreve o capítulo *Discurso, resistência e escrita: por uma análise discursiva dos espaços para os sujeitos na mídia*. O texto versa sobre o funcionamento discursivo em comentários deixados online à notícia “Supremo retoma julgamento de interrupção de gravidez em anencéfalos nesta tarde, 5 foram a favor e um contra”. Embasa-se teoricamente na noção de resistência em AD para analisar os comentários - enquanto discurso - como marcas na língua e possibilidades de deslocamentos a sentidos já esperados. No estudo das sequências discursivas trabalha com conceitos de identificação, contraidentificação e desidentificação. Para a autora, a desidentificação seria uma forma de resistência do sujeito aos dizeres midiáticos, capaz de promover deslocamentos e a polissemia.

O livro se encerra com o capítulo de Vanise Medeiros - que também assina como organizadora do livro - *Da resistência na língua à resistência da língua: o caso dos glossários*. O texto enfoca o uso de glossários no século XXI a partir do livro *Favela toma conta* de Alexandre Buzzo. Inicialmente, apresenta três tipos de dicionários – sobre o povo, para o povo e do povo – para então pensar os glossários em Buzzo. De acordo com a autora, o livro *Favela toma conta* falaria do lugar social e discursivo da periferia trazendo sentidos outros para palavras já dicionarizadas. Desta forma, a obra de Buzzo, tomada como glossário, permite categorizar os verbetes em cinco eixos: a) palavras cujos sentidos não se encontram dicionarizados; b) palavras que não comparecem no dicionário; c) novas formações na língua; d) jogos de palavras formadas por alusão a outras palavras; e) palavras cuja grafia é diferente daquela dicionarizada. Em suas considerações finais, Medeiros toma o glossário de Buzzo como resistência, o lugar onde as massas têm voz, o que incidiria sobre o léxico e a ortografia, todavia não conseguiria abranger a sintaxe.

O livro *Discurso, resistência e...* possibilita ao leitor pensar a resistência discursivamente, tendo como pano de fundo diferentes perspectivas de análise que entrelaçam AD e Psicanálise. Nesta obra, a resistência é encarada como um rompimento, como a possibilidade de outras palavras no lugar daquelas que podem e devem ser ditas, como a emergência do novo. Fica claro que ao resistir, o sujeito ressignifica o que lhe é evidente e desloca sentidos historicamente naturalizados.

Discurso, resistência e... é sem dúvida alguma, uma leitura relevante para pesquisadores e curiosos da Análise do Discurso sendo também indicada aos estudiosos da Psicanálise. Trata-se de uma obra em que é possível compreender a resistência no discurso através do cruzamento de diferentes questões e corpus. É uma leitura

imprescindível para aqueles que pretendem compreender melhor o tema ou mesmo se enveredar na teia discursiva pelo viés da resistência.

Referências

LEANDRO FERREIRA, M.C. Resistir, resistir, resistir....: primado prático discursivo!. Em: SOARES, A.S.F. *et al.* (Org.). **Discurso, resistência e....** Cascavel: Edunioeste, 2015. p. 159-167.

ORLANDI, E. Sobre o inatingível, o ausente e o evidente. Em: GADGET, F.; PÊCHEUX, M. **A língua inatingível: o discurso na história da linguística**. Trad. Bras. Campinas: Pontes, 2004.

Resenha recebida em: maio de 2017.

Aprovada e revisada em: setembro de 2017.

Publicada em: novembro de 2017.

Para citar este texto:

ASSIS, Thaís Reis de. *Discurso, resistência e....* [Resenha]. Entremeios [Revista de Estudos do Discurso, *on-line*, www.entremeios.inf.br], Seção Resenha, Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL), Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre (MG), vol. 15, p. 399-404, jul. - dez. 2017. (Resenha de SOARES, Alexandre S. Ferrari *et al.* *Discurso, resistência e....* Cascavel: EDUNIOESTE, 2015. 253p.)

DOI: <http://dx.doi.org/10.20337/ISSN2179-3514revistaENTREMEIOSvol15pagina399a404>